

LABORATÓRIOS DE ENSINO DE HISTÓRIA: REFLETINDO E CONSTRUINDO COM OS PROFESSORES

*Cristine Fortes Lia**
*Jéssica Pereira da Costa***
*Marcello Paniz Giacomoni****
*Maiara Cemin Cagliari*****
*Priscila Nunes Pereira******

Resumo: O presente artigo tem o intuito de apresentar a importância e as formas de abrangência dos Laboratórios de Ensino dos Cursos de História. Buscaremos problematizar a atuação desses espaços na formação e qualificação dos futuros professores da educação básica, demonstrando sua importância na troca de experiências de ensino e aprendizagem, promovendo o auxílio aos alunos em estágios obrigatórios de docência. Visa a discutir também a importância que as atividades práticas oferecidas pelos espaços de apoio ao ensino possuem na relação entre teoria e prática e sua importância para a formação dos professores historiadores. Por fim, propomos uma reflexão sobre a importância das estratégias elaboradas pelos laboratórios de ensino de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – LHIESTE e da Universidade de Caxias do Sul – NAEH para estimular novas abordagens no ensino de História.

Palavras-chave: Ensino; História; laboratório; estratégias; professores.

*Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, RS, Brasil.
E-mail: crisflia@bol.com.br

**Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, RS, Brasil.
E-mail: jpcosta1@ucs.br

***Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.
E-mail: marcello_pgi@yahoo.com

****Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.
E-mail: maiacemin@gmail.com

*****Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.
E-mail: priscila.ufrgs@gmail.com

HISTORY TEACHING LABORATORIES: REFLECTING AND BUILDING IN CONJUNCTION WITH TEACHERS

Abstract: This article aims to present the History Course Teaching Laboratories' importance and their forms of scope. We will seek to examine the importance of such spaces in the education and training of future Elementary School teachers, showing their value as places for the exchange of experiences in teaching and learning, and assisting students in teaching courses' mandatory internships. In addition, we will discuss the importance that practical activities, offered by teaching support programs, have in the theory and practice relation, as well as their value for the training of history teachers. Lastly, we will propose a reflection about the importance of the strategies put forth by the History Course Teaching Laboratories from the Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LHISTE) and from the Universidade de Caxias do Sul (NAEH) to encourage new approaches in the teaching of History.

Keywords: Teaching; History; laboratory; strategies; teachers.

LABORATORIOS DE ENSEÑANZA DE HISTORIA: REFLEXIONANDO Y CONSTRUYENDO CON LOS PROFESORES

Resumen: Este artículo tiene por objetivo presentar la importancia y las formas de alcance de los Laboratorios de Enseñanza de los Cursos de Historia. Buscaremos problematizar la actuación de estos espacios en la formación y calificación de los futuros profesores de educación básica, demostrando su importancia como lugar de intercambio de experiencias de enseñanza y aprendizaje, promoviendo el auxilio a los alumnos en prácticas de docencia obligatorias. Discute, también, la importancia que poseen las actividades prácticas ofrecidas por los espacios de apoyo a la enseñanza en la relación entre teoría y práctica y su importancia para la formación de profesores historiadores. Finalmente, proponemos una reflexión sobre la importancia de las estrategias elaboradas por los laboratorios de enseñanza de Historia de la Universidad Federal del Río Grande del Sur – LHISTE y de la Universidad de Caxias del Sur – NAEH para estimular nuevos abordajes en la enseñanza de Historia.

Palabras-clave: Enseñanza; Historia; laboratorio; estrategias; profesores.

Laboratórios para o ensino de História

Os laboratórios de ensino de História se constituem em uma experiência que busca alinhar o diálogo entre o conhecimento acadêmico e a prática escolar. Com uma metodologia de trabalho alicerçada na produção de material didático e na troca de ideias sobre as estratégias utilizadas em sala de aula, os núcleos buscam preparar o acadêmico de História para uma trajetória bem sucedida como docente. Também objetivam reunir um acervo que amplie o potencial teórico e prático do futuro professor, mantendo esse material, bem como atividades de consultoria, aberto para a comunidade em geral; possibilitando a permanente troca de experiências entre os profissionais da área, os futuros professores e os egressos da instituição que sedia o espaço.

A produção do material didático promovida pelos laboratórios está solidificada na troca com as produções realizadas nas disciplinas do curso de História. Pensar a construção de recursos para a sala de aula é um processo complexo, que promove o repensar do próprio fazer histórico. Estabelecer o diálogo com o saber histórico e suas práticas de transmissão é objetivo desses espaços.

O recurso e/ou material didático precisa ser pensado através da abordagem da construção do conhecimento histórico, não se limitando a uma prática de transmissão deste conhecimento. Assim, o significado do material didático e sua produção centram-se na ideia de criar uma relação entre o aprendizado e a construção de um determinado referencial explicativo para determinados processos históricos. (LIA; COSTA; MONTEIRO; 2013, p. 40).

Com a inserção das Práticas como Componente Curricular para os cursos de licenciatura, a necessidade de espaços que promovam o debate sobre as formas de transmissão e construção do conhecimento ampliou-se. Pois a especificidade de conferir uma identidade para as competências do professor como educador remete a busca por referenciais que auxiliem na relação do saber e da transmissão do mesmo. “Por Prática como Componente Curricular entende-se, no contexto do documento oficial, ‘uma prática que produz algo no âmbito do ensino’, que deve acontecer desde o início do processo de formação, o que a distingue da prática dos estágios supervisionados”. (LIA; COSTA; MONTEIRO, 2013, p. 42).

No âmbito da formação docente, a associação entre teoria e prática representa um eixo basilar na configuração de um padrão educacional coerente e conectado com as demandas do contexto escolar. Nesse sentido, em 19 de fevereiro de 2002, o governo brasileiro, na tentativa de qualificar os currículos das licenciaturas, regulamentou a Resolução do Conselho Nacional de Educação¹. Através dessa resolução foi instituída a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, de graduação plena em, no mínimo, 2.800 horas, de forma que a articulação entre teoria e prática fosse contemplada nos projetos pedagógicos de acordo com as seguintes dimensões:
I-400 horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do curso;

II-400 horas de estágio curricular supervisionado obrigatório a partir do início da segunda metade do curso;
III-1.800 horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural;
IV-200 horas para outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais [as chamadas Atividades Complementares]. (LIA; COSTA; MONTEIRO, 2013, p. 41).

Os núcleos de apoio ao ensino promovem esta articulação entre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica e os cursos de licenciatura em História, na medida em que possibilitam um espaço para a construção de materiais de apoio, contando com a orientação das equipes que trabalham nesses laboratórios. Monitores e professores são colaboradores nesse processo de elaboração de projetos de desenvolvimento de conteúdos curriculares e de preparo de metodologias inovadoras e transformadoras para a sala de aula.

O material didático produzido nestes laboratórios é o resultado de uma relação de intimidade entre o aluno de licenciatura e o conteúdo que será trabalhado, dentro da ideia de que recurso didático não é ilustrativo, nem autoexplicativo, mas um elo entre os temas abordados e a concepção historiográfica e política do professor.

A sala de aula é, via de regra, dominada pelo livro didático. Mesmo que bastante qualificados (lembrando que todos passam pelo processo de homogeneização imposto pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), esses livros são poderosos artefatos culturais (FONSECA, 2008), constituídos por um conjunto de técnicas didáticas que produzem sentido sobre a realidade, estabelecendo verdades sobre os conceitos que nossa sociedade constrói sobre o passado (PEREIRA; GIACOMONI, 2008, p. 9). Produzir materiais didáticos, dessa forma, é tornar-se um pouco mais autônomo em relação a essas publicações, construindo materiais em íntima relação entre as posturas e visões de mundo do professor, conhecimento historiográfico aceito e a realidade dos alunos.

Dessa forma, orientar o graduando a produzir seus recursos para a atividade em sala de aula permite o desenvolvimento da postura de produzi-los junto a seus alunos da educação básica, fazendo do laboratório um local de experimentação primeira, para a continuidade de uma competência inovadora que permite a constante prática na construção do conhecimento histórico.

O material didático para ter função significativa no aprendizado de história deve ser concebido através de uma ação conjunta entre o professor e o aluno. Assim, este recurso não deve ser apenas utilizado em sala de aula, mas produzido na mesma, gerando um processo de interação entre o conteúdo e sua compreensão. (...) A prática, em geral, cativa mais a atenção do discente do que a exposição oral, permitindo que o aluno descubra novas interpretações para os fenômenos históricos, identificando suas habilidades e competências dentro desse universo. (LIA; COSTA; MONTEIRO, 2013, p. 43).

Os materiais produzidos são, muitas vezes, doados aos núcleos de apoio constituindo parte do acervo dos mesmos. Nestes acervos encontram-se, também, materiais de apoio para a sala de aula, como mapas, jogos, revistas, filmes, entre outros. Ainda são disponibilizados livros didáticos e paradidáticos, ampliando o potencial para pesquisa nestes locais.

Estes acervos são disponibilizados, na forma de empréstimo ou de consulta local, para acadêmicos, egressos e professores da educação básica. Um dos grandes interesses destes espaços é promover a integração permanente com os professores da educação básica. As atividades de consultoria e as ofertas de oficinas mantêm aberto este diálogo. As publicações que são produzidas dentro e sobre estes laboratórios colaboram para pensar sobre o ensino de História, trazendo estratégias e abordagens sobre diversos temas e propondo novas práticas para sala de aula.

O NAEH: Núcleo de Apoio ao Ensino de História da UCS

O NAEH é o Núcleo de Apoio ao Ensino de História da Universidade de Caxias do Sul – UCS e está vinculado ao Curso de História do Centro de Ciências Humanas e Educação. Foi idealizado em 2005 pelo Colegiado do Curso de História, com a finalidade de promover situações de associação entre teoria e prática dos conhecimentos acadêmicos, visando à capacitação e qualificação continuada dos profissionais de História, para uma atuação reflexiva frente ao ato educativo. Seu espaço físico consiste em uma sala dentro do próprio prédio onde acontecem as aulas do Curso de História, facilitando o acesso dos estudantes. Mantém, desde sua inauguração, horários de atendimento no final da tarde e à noite, visando a atender ao aluno matriculado nessa licenciatura, cujo turno de funcionamento é noturno. Com o passar dos anos, o NAEH manteve seu espaço físico, mas obteve um grande crescimento do seu acervo de materiais didáticos, conseguidos através de doações ou compras efetuadas com dinheiro adquirido em sebos promovidos pelo Núcleo.

O acervo de materiais do NAEH é formado por uma considerável coleção de livros didáticos que abarcam o ensino de História nos primeiros anos do ensino fundamental, existindo ainda os Estudos Sociais dos estudos históricos, livros de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental, bem como de todos os anos do Ensino Médio. Conta, também, com uma pequena coleção de livros de Geografia. Além dos livros didáticos, conta com publicações paradidáticas, ou seja, materiais bibliográficos destinados ao ensino de História de forma mais lúdica e concreta.

No acervo bibliográfico encontram-se também livros ligados à Educação, visto que o Núcleo tem como um de seus objetivos atender às necessidades dos alunos licenciados, futuros professores que precisam ter acesso aos PCN's e às teorias educacionais, bem como às políticas educacionais. Além desses, pode-se encontrar outros títulos com assuntos variados ligados a História e a Historiografia, que auxiliam os acadêmicos a construir seu conhecimento teórico antes de realizarem a transposição didática dos assuntos que deverão trabalhar em sala de aula.

Na hemeroteca do NAEH encontram-se mais de 400 revistas, entre as quais se pode encontrar desde temas gerais de Educação e ensino de História como aqueles voltados para conteúdos históricos. Por entender que um dos objetivos é serem desenvolvidos com os alunos é a localização espaço temporal, o Núcleo conta com um acervo de mapas para empréstimo. Esses tratam de diferentes assuntos, que vão desde a distribuição política contemporânea do Brasil e do Mundo até a divisão das capitânias hereditárias na época do Brasil Colônia. Os mapas são uma importante ferramenta de ensino e trabalho para o historiador. A preocupação do núcleo está em manter a constante atualização desses materiais, já que as bibliotecas nem

sempre dão conta de oferecer os recursos dentro da dinâmica na qual são reformulados. O NAEH também busca oferecer mapas específicos para o ensino de história; alguns produzidos pelos próprios alunos e professores do curso, em parceria com o curso de Geografia.

[...] os mapas devem ser encarados como instrumentos que auxiliem na compreensão do espaço, posto que, atualmente não são vistos como tal, sugere-se que o professor seja um instrumentalizador e viabilizador na construção do conhecimento sobre os mapas e que traga em suas metodologias uma propriedade teórica, no sentido de fazer com que o aluno consiga perceber a real importância dos mapas, como por exemplo, o contexto histórico em que foram confeccionados, a função político-estratégica para as delimitações territoriais, sendo visualizado também como um instrumento de poder. (SANTOS; BENTO; FERREIRA, 2006, p.178).

Também possui jogos confeccionados por alunos do curso em diferentes disciplinas, que foram doados ao Núcleo e que são um grande auxílio aos que estão nos estágios obrigatórios como estratégia de aprendizagem. NAEH busca melhorar o seu acervo de ferramentas didáticas e pedagógicas com a ajuda dos próprios alunos do Curso de História, aceitando doações de materiais didáticos confeccionados pelos próprios alunos. Entre esses materiais podemos destacar alguns que ao serem doados auxiliaram muitos outros alunos na sua caminhada docente. Um deles é o chamado “Baú da Pedra Lascada”, que consiste em uma caixa com pontas de lança e outras imitações de objetos líticos feitos em argila e coloridos com tinta guache.



Baú da pedra lascada - Acervo NAEH-UCS

Junto a esse material, produzido por uma acadêmica, que fez seu estágio no ensino fundamental com o sexto ano, foi doado também o filme “10.000 A.C.”, bem como algumas lâminas sobre os povos neolíticos e paleolíticos. Esse material além de ser emprestado aos alunos estagiários para ser usado em sala de aula também serve de inspiração para que cada um possa construir o seu baú com a sua turma, estimulando a criatividade e a interação dos alunos.

Outro material interessante, que também foi doado por uma aluna do estágio em ensino fundamental, consiste em um jogo da memória com os Deuses Gregos, onde além dos alunos identificarem os deuses, eles devem relacioná-los com seus nomes e características.

Existem diversos banners no acervo do NAEH que estão disponíveis tanto para a utilização em sala de aula, como estratégia de confecção dos mesmos, repensando a função educativa do recurso didático, que é proposta do espaço. É oferecida consultoria para o entendimento de como produzir e quais sentidos podem ser atribuídos aos mesmos. Entre os banners disponíveis para empréstimo podemos destacar uma coleção de 16 confeccionados para um evento do curso que visava rememorar o Golpe e a Ditadura Civil militar brasileira de 1964.

Com essa variada gama de materiais didáticos, o NAEH busca auxiliar o futuro professor de História a elaborar suas aulas de forma criativa, proporcionando um ambiente propício à aprendizagem. Obter acesso a esses materiais ainda na graduação faz-se importante para demonstrar a importância de seu uso, considerando que o material didático não dá a aula por si só e necessita do fluxo empregado pelo professor, que não pode se limitar apenas ao livro didático e necessita de outros mecanismos para o ato educativo.



Espaço interno do NAEH - Acervo NAEH-UCS

Para desempenhar, de modo satisfatório sua missão, o docente deve partir da experiência cotidiana dos alunos, oferecendo elementos que lhes permitam ultrapassar as sempre lembradas formas tradicionais de ensino de História, que parecem valorizar, principalmente, o sentimento de pertencer (para servir) a uma grande nação, assim como fizeram os heróis responsáveis pela sua construção. (MICELI, 2012, p. 37).

O NAEH como espaço de troca de experiências entre docentes e discentes

O Núcleo de Apoio ao Ensino de História não se constitui apenas como um espaço de guarda e empréstimos de materiais. Figura-se como um espaço de trocas didáticas, onde a experiência docente vai sendo construída ao contribuir para o planejamento e execução das aulas dos discentes em fase de estágios obrigatórios ou em atividades práticas das disciplinas do curso.

Para os alunos, ao chegar na fase do curso em que se tornarão professores, ou seja, estarão à frente de uma sala de aula, o NAEH concentra esforços para contribuir na realização dessa experiência. A preocupação de estudantes e futuros professores de História deve estar voltada para capacitar o aluno a refletir e reconstruir sua sociedade, entendendo que se estuda História não porque o passado se repete, mas sim porque vivemos um processo dinâmico, no qual os considerados grandes feitos foram selecionados e os heróis são construções simbólicas e discursivas. O foco do conhecimento da história está na trajetória das civilizações e sociedades, da qual todos são agentes e sujeitos históricos.

Fazendo isso, todo o professor é capaz de contribuir com a formação de um aluno atuante e crítico da sua realidade. Para que essa construção aconteça na sala de aula, um instrumento faz-se necessário: o planejamento, que se apresenta como um ato reflexivo do professor, estabelecendo onde pretende chegar, trilha caminhos para alcançar os objetivos que coloca para si e para o aluno.

Os objetivos estão postos em um plano com metas. Essas devem ser atingidas não apenas pelos alunos, mas também pelo professor que, ao elaborar suas aulas, pensará em estratégias que criem um ambiente no qual o aluno será capaz de desenvolver as habilidades necessárias para atingir os objetivos propostos. Esses devem funcionar como guias, não como regras invioláveis. Além dos objetivos, deve-se ter clara a função da utilização de diferentes recursos e estratégias para promover a aprendizagem e é com essa função que o NAEH mantém o seu acervo, para que o aluno estagiário, futuro professor tenha a oportunidade e o acesso a diferentes materiais para construir o seu ato educativo.

Pensando em contribuir para a construção do futuro profissional da História, o NAEH busca aliar teoria e prática trabalhando com oficinas didáticas, onde diferentes assuntos e estratégias didáticas são postas em práticas e oferecidas semestralmente aos alunos da Universidade de Caxias do Sul e pessoas interessadas da comunidade em geral.

Essas oficinas possuem temáticas variadas voltadas para o ensino de História, que buscam oferecer uma formação complementar aos estudantes, com a oportunidade de experimentar diferentes abordagens, o que contribuirá para a sua formação enquanto docente. Miceli (2012)

defende que o professor, ao ensinar, deve criar situações que levem o aluno a aperfeiçoar os sentidos necessários para desenvolver conhecimentos históricos, que lhe possibilitarão aprimorar seu senso crítico e sua cidadania.

Os alunos participantes dessas oficinas ganham a certificação com o número de horas cursadas. O valor cobrado corresponde ao custo da emissão dos certificados. Os ministrantes das oficinas são voluntários que buscam construir junto aos acadêmicos um momento de experimentação e de reflexão do ato educativo. Entre as oficinas realizadas pode-se destacar: “Arqueologia e Práticas educativas”. Além de propor uma reflexão acerca da relação entre Arqueologia e História, desenvolve-se uma experiência de construção de um campo de escavação simulado e o exercício de escavação, limpeza e catalogação de peças. A oficina “Patrimônio e Ensino de História – Desvendando o patrimônio arquitetônico” leva os inscritos para o centro de Caxias do Sul e, andando na rua, realiza-se um exercício de observação, reconhecimento e crítica do patrimônio arquitetônico da cidade.



O NAEH promove semestralmente Ciclos de Oficinas com temáticas voltadas para o ensino de História. Um desses ciclos reuniu temas sobre “Religiões no mundo antigo”, “História e Imprensa” e “Filosofia e História: trabalhando a interdisciplinaridade”. Os assuntos variados surgem de uma consulta prévia com os acadêmicos, que indicam quais temáticas precisam

de maior suporte teórico e prático, e contribuem para a formação plural do acadêmico, revelando a constante preocupação do NAEH em estimular a reflexão frente à História e o ensino/aprendizagem, ajudando a transformar o saber acadêmico e o saber escolar.

Tendo em vista o objetivo de facilitar o acesso ao NAEH, em 2011 foi criado o *blog* do Núcleo² e uma página no *Facebook*³, nos quais são divulgadas todas as oficinas promovidas, com programação e informações adicionais, contribuindo para que além dos alunos do curso, os egressos e outros interessados possam ter acesso ao trabalho desenvolvido pelo núcleo. No atual contexto das novas tecnologias, a utilização de meios virtuais torna possível uma abrangência maior, ultrapassando as paredes da Universidade.

Essas ferramentas virtuais informam aos alunos do curso sobre os variados tipos de materiais disponíveis no acervo, bem como apresentam estratégias criativas de trabalho desenvolvidas por professores a partir da utilização desses materiais. Esse espaço virtual também corresponde a um local de trocas de experiências, pedidos de dicas e sugestões para trabalhar determinados temas, relatos de trajetórias, dicas e, até mesmo, um meio de explicitar vivências frustradas.

Embora o acervo do NAEH conte com uma variedade de materiais, eles são, em grande maioria, produto de doações dos professores do curso, dos acadêmicos e de contatos com editoras, no caso dos livros didáticos. Nos últimos três anos, o acervo do NAEH vem crescendo consideravelmente, resultado de uma maior divulgação feita sobre o Núcleo, o que proporcionou que muitas pessoas que possuíam materiais didáticos, livros, revistas, mapas, entre outros, realizassem doações para enriquecer e contribuir com a qualidade do acervo.

Além da divulgação feita, especialmente nas redes sociais, o trabalho dos professores, ao utilizarem tanto os materiais quanto o espaço do NAEH em suas aulas, tanto nos estágios como em outras disciplinas, possibilitou a inserção dos acadêmicos na realidade de trabalho do Núcleo, estimulando o fluxo de doações.

O LHIESTE: Laboratório de Ensino de História e Educação da UFRGS: ensino, pesquisa e extensão criando conexões entre Universidade e Escola

O Laboratório de Ensino de História e Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LHIESTE) nasce no ano de 2013 como um espaço de interação para professores de História de diferentes redes de Ensino, com o intuito de ser um centro de referência na produção e disseminação de bons materiais didáticos e reflexivos, formação continuada para professores e licenciandos, espaço de investigação a partir de trocas e diálogos sobre o ensino de História.

Sua própria fundação conta com profissionais de três setores da UFRGS, visando a um maior diálogo entre os locais institucionais responsáveis pela formação dos futuros professores de História: Área de Ensino de História do Departamento de Ensino e Currículo (DEC) da Faculdade de Educação (responsável pelas disciplinas de Estágios Supervisionados), Colégio de Aplicação (local de produção de pesquisas educacionais e espaço onde são realizados muitos dos estágios supervisionados) e Departamento de História do Instituto de Filosofia

e Ciências Humanas (responsável pela maior parte das disciplinas do curso de Licenciatura em História). Em ações específicas ocorre também a articulação com o Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS), professores do Departamento de Música do Instituto de Artes (IA) e algumas secretarias municipais de educação do Rio Grande do Sul.

Além dessas parcerias institucionais, o Lhiste pretende-se como um espaço que congregue professores do Ensino Básico e Superior de diferentes redes públicas e particulares. A construção dos espaços virtuais e físico segue essa premissa, mantendo locais de hospedagem e produção de materiais pedagógicos, por meio de ações de compartilhamento com professores e licenciandos da História e Pedagogia. Objetiva-se consolidar o Lhiste e seus espaços como uma referência em que o professor encontre materiais didáticos diferenciados para suas aulas, com o compartilhamento de produções, pesquisas e boas práticas pedagógicas.

Nesse sentido, os espaços virtuais⁴ atuam com dois direcionamentos claros, o primeiro com a divulgação de eventos e materiais ligados ao Ensino de História, e o segundo, propriamente como acervo digital para as produções do Lhiste e grupos ou instituições parceiras. Nosso site possui sessões como Biblioteca digital, abrangendo todo o acervo online que está ligado à prática de ensino; Produções Lhiste e pesquisa, agregando o material relacionado aos membros do grupo; sites de apoio e ações educativas, indicando materiais de fácil acesso.

Com espaço físico no Colégio de Aplicação (UFRGS, Prédio 43815 – sala 226, Av. Bento Gonçalves, 9500, Bairro Agronomia), o Lhiste visa a manter um acervo presencial e oficinas didáticas que coloquem em diálogo professores e licenciandos da universidade e da escola. Deste modo, trabalhamos com um conjunto de livros didáticos, paradidáticos, publicações auxiliares à prática, planos de aula, filmes, documentários e jogos, que estarão disponíveis a todos mediante um cadastro no programa de acervo digital do Lhiste.

Em termos institucionais, o Lhiste é registrado na UFRGS como programa de extensão, declaradamente concebido e concretizado através do pressuposto da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Nessa perspectiva, vivemos a criação de um grupo de pesquisa, com as seguintes áreas de atuação: 1. Docência em História, currículos, ações educativas e políticas públicas; 2. Teoria e metodologia da História, Historiografia e Ensino de História; 3. Usos do Passado: memórias, patrimônios e narrativas; 4. História, cultura escolar e educação para as relações socioculturais. A partir dessas premissas, as principais ações desenvolvidas até o momento foram um curso de aperfeiçoamento com a temática dos Jogos e Ensino de História, a criação de uma revista eletrônica, a construção de um acervo (físico e digital) de materiais didáticos e demais produções sobre o Ensino de História, além de organização de eventos e palestras.

Uma das primeiras ações empreendidas pelo grupo do Lhiste foi o curso de aperfeiçoamento “Ensino de História: modos de pensar, modos de fazer, modos de avaliar – Jogos e Ensino de História”, desenvolvido no segundo semestre de 2013. A proposta do curso foi fortalecer o processo de formação continuada dos professores de História, através de discussões teóricas acerca do Ensino de História e do aprendizado do jogo como ferramenta pedagógica na disciplina de História. O curso foi oferecido em modalidade Educação a Distância (EAD) para quatro municípios do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Picada Café, Santo Antônio

da Patrulha e Três Passos), totalizando 150h. Essa carga horária foi dividida em cinco módulos (com 30h cada), abordando problematizações teóricas a respeito do ensino de História (módulo I) e do uso de jogos na educação (módulo II), para em seguida instrumentalizar os alunos no uso específico dos jogos no ensino de História (módulo III). Avaliações foram propostas aos jogos construídos e aplicados (módulo IV), e os resultados foram apresentados no seminário presencial e entregues no relatório final (módulo V).

O curso esteve inserido em um movimento bastante significativo que ocorre no campo do ensino em geral e do ensino de História em particular, que é a utilização de materiais lúdicos nas aulas de História. Nesse sentido, o uso de jogos ganha relevância e notoriedade porque permite o envolvimento dos professores e alunos num processo de criação conceitual com uma linguagem adequada à Escola Básica. Não é difícil verificar que o ensino de História precisa ainda hoje de revisão constante, ainda porque, após 30 anos de intensa discussão na área, o livro didático ainda aparece como a ferramenta vital da sala de aula, deixando de ser um instrumento ou uma ferramenta para o ensino e se tornando o ator principal. O uso de jogos é uma urgência, pois se compreende que os jogos podem ultrapassar o limite do marasmo que as aulas de História, por vezes, assumem ao lidar apenas com textos e perguntas. Nesse sentido, aprender história pode ser um processo cognitivo bem mais criativo e envolvente.

A primeira edição do curso findou com 62% de alunos concluintes (número considerado bom na realidade do EAD) e com ampla repercussão nacional da publicação produzida pelo curso, o livro “Jogos e Ensino de História” (GIACOMONI; PEREIRA, 2013). Mais de mil exemplares foram distribuídos para professores de todo o país, enviados via protocolo da UFRGS. No site do Lhiste foram cerca de dois mil *downloads* do livro em PDF, que se soma ao material impresso distribuído para todo o Brasil. Esse livro é uma reflexão pioneira sobre o uso de jogos no ensino de História, cumprindo o papel da Universidade como lugar de produção de conhecimento. Essa repercussão prova que os professores estão procurando novas alternativas para pensar e ensinar história.

Como lançamento oficial do Laboratório e reafirmação das ações setoriais conjuntas, em março de 2014, promoveu-se um primeiro curso de extensão: Encontros com o Ensino de História na UFRGS. Os encontros se voltaram para a discussão de temas caros à História e à Educação como: patrimônio, fabulações, jogos, vídeos, América Latina, espaço e tempo, conciliando falas de professores da área de ensino, História, licenciandos, estudantes e professores da Educação Básica. A atividade de extensão contou com a participação média de 80 cursistas que, em sua maioria, eram licenciandos de História e professores da rede pública de ensino, o que contribuiu muito para as conversas após a atividade, tornando-se por vezes elemento central dos encontros.

Atualmente (outubro de 2014), está em andamento a segunda edição do curso “Encontros com o Ensino de História na UFRGS”, com a proposta de produzir “diálogos com histórias indígenas e africanas”. A demanda dessa temática surgiu em uma das reuniões do Lhiste, na qual discutimos o papel do laboratório dentro da formação inicial e continuada no ensino de História. A questão apresentada pelas estudantes bolsistas de extensão foi a apropriação da educação das relações étnico-raciais e dos conteúdos referente ao artigo 26-A da Lei de Diretrizes e

Bases da Educação Nacional (LDB), ainda pouco tratado nos currículos das licenciaturas em História. Tal artigo, através da lei 11.645/08 que altera a lei 10.639/03, especifica que:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (BRASIL, 2008)

A recepção da lei é motivo de indagações e compreensões diversas, por vezes construtoras de visões estereotipadas em datas pré-definidas no calendário escolar por ações pontuais e sem abordagens mais complexas das temáticas propostas na forma da lei. Nessa perspectiva, o Lhiste colocou-se diante do desafio de propor ações para a formação e compartilhamento de modos de agir e de pensar a aplicação do artigo 26-A da LDB. Pressupondo que as histórias africanas e indígenas são os conteúdos de maior dificuldade dentro das temáticas produzidas pela lei, tivemos a iniciativa de desenvolver uma atividade de formação que gerasse um diálogo entre especialistas das áreas dentro do universo acadêmico e representantes de grupos sociais que protagonizam esse cenário, ou seja, professores das redes públicas de ensino, lideranças indígenas de etnia Guarani e Kaingang e um estudante intercambista africano (guinense).

Destacamos que o grande diferencial nas atividades de extensão criadas até o momento foi o espaço que os protagonistas dos temas tiveram, acarretando um maior envolvimento do público, aproximando suas realidades, escolares ou não, das temáticas.

Visando a construir um espaço qualificado para divulgação de pesquisas dos pesquisadores, professores e estudantes de História, o Lhiste criou uma revista científica eletrônica, chamada Revista do Lhiste⁵ com foco específico em pesquisas e reflexões sobre o ensino de História em todos os níveis e etapas educativas, além de sua intersecção com outras áreas do conhecimento. Constitui-se, portanto, em espaço para a comunicação de pesquisas e reflexões sobre a prática docente, os processos de aprendizagem, a construção de currículos em história, a formação de professores, a memória e a educação patrimonial e o ensino de história e a interdisciplinaridade, entre outros temas caros ao campo. Também visa à divulgação e registro de novas estratégias, metodologias e objetos, formando um banco de dados especializado em boas práticas pedagógicas de professores em formação inicial, nos estágios e no PIBID/História, assim como de professores da educação básica. O processo *peer review* (avaliação cega por pares), a diversidade espacial e institucional do conselho consultivo, a certificação com ISSN e a busca por uma boa avaliação nos critérios *Qualis* periódicos tornam a Revista do Lhiste um locus não apenas de divulgação, mas de construção qualificada do conhecimento. Nesse momento (2014/2), a Revista do Lhiste organiza seu primeiro número, estando ainda em processo de avaliação pelos pares.

Na sequência de ações que o Laboratório enseja realizar está o oferecimento de oficinas pedagógicas abertas a licenciandos e professores da Educação Básica, com proposições didáticas para o ensino de História, pautadas pela construção reflexiva de materiais pedagógicos vinculados a temáticas como a educação das relações étnico-raciais, com estratégias como jogos e histórias em quadrinhos. Essas oficinas são realizadas nas aulas de estágios curriculares obrigatórios e também no espaço físico do Lhiste, com inscrições abertas ao público em geral.

Cabe ressaltar que o Lhiste busca colher experiências e construir parcerias com outros laboratórios no Rio Grande do Sul e no país⁶. Ressaltamos nessa busca por parcerias a relação em construção com o Laboratório UCS, que se materializa na própria tessitura deste artigo. Segundo Fonseca e Couto (2008, p. 124), é possível “pensar em espaços interculturais que possam ressignificar as dimensões da teoria e da prática – bem como o ensino alicerçado à pesquisa”. Ressaltamos que nossas ações no laboratório são marcadas pela concepção de que a criação de conexões entre a Universidade e a Escola, através de ações compostas pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, podem gerar aprendizagens mútuas, capazes de desacomodar e reflexionar as maneiras de viver e pensar a História e a Educação nos ambientes em que atuamos, sejam eles acadêmicos ou escolares.

Notas

1 CNE. Resolução CNE/CP 2/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 9.

2 Disponível em: <<http://naehucs.blogspot.com.br/>>.

3 Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/NAEH-N%C3%BACleo-de-Apoio-ao-Ensino-de-Hist%C3%B3ria/220754944690501>>.

4 [facebook.com/lhiste](https://www.facebook.com/lhiste) e www.ufrgs.br/lhiste

5 www.seer.ufrgs.br/revistadolhiste

6 Apontamos duas referências de laboratórios, que inspiraram a criação do LHISTE: o LABEPEH/UFMG - Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História da Universidade Federal de Minas Gerais e o LEHRB - Laboratório de Ensino de História do Recôncavo da Bahia. Ambos os espaços surgem com os objetivos de envolver variados setores das respectivas universidades ligados à formação de professores, promovendo ações de extensão em parceria com outras instituições acadêmicas e redes de ensino. Destacamos, no caso do LABEPEH, a criação de um acervo de materiais didáticos (<http://acervoparadidaticolabepeh.blogspot.com.br/>) com o objetivo de organizar e disponibilizar um acervo temático que auxilie professores da Educação Básica e alunos das licenciaturas na produção de material didático. O acervo é composto principalmente por jornais e revistas diversos e está disponível para consulta. Além de disponibilizar esse material, a intenção é socializar exemplos de como utilizá-lo em atividades didáticas e, a partir daí, constituir uma rede de trocas de sugestões de atividades didáticas. Já o outro laboratório mencionado, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (<http://www.ufrb.edu.br/lehrb/>), na mesma lógica de apoio a acadêmicos e professores de História, também mantém um site com objetos de ensino, como jogos, mapas e recursos digitais.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática – História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acessado em 07/07/2014.

_____. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: <http://prespublica.jusbrasil.com.br/legislacao/93966/lei-11645-08> Acessado em 07/07/2014.

_____. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf> Acessado em 07/07/2014

FONSECA, Selva Guimarães; COUTO, Regina Célia. A formação de professores de história no Brasil: perspectivas desafiadoras do nosso tempo. In: FONSECA, Selva Guimarães (Org.). **Espaços de formação do professor de história**. Campinas: Papirus, 2008.

_____, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Campinas: Papirus, 1993.

GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (Org.). **Jogos e ensino de história**. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

LIA, Cristine Fortes; RUFFATO, Katani. Maria. Monteiro; COSTA, Jéssica Pereira. A produção de material didático para o ensino de História. **Revista Latino-Americana de História**, v. 2, p. 40, 2013.

MICELI, Paulo. Uma pedagogia da História? In: PINSKY, Jaime (Org.) **O ensino de história e a criação do fato**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 37-52.

PEREIRA, Nilton Mullet; GIACOMONI, Marcello Paniz. **Possíveis passados**: representações da idade média no ensino de história. Porto Alegre: Zouk, 2008.

SANTOS, Daniel S.; BENTO, Evilânia C.; FERREIRA, Fernanda S. *et al.* A importância da utilização dos mapas como instrumento de ensino/aprendizagem na geografia escolar. **Revista Caminhos da Geografia**. v. 16, fev 2006. p. 176 – 179.

*Recebido em 29 de março de 2015
Revisado em 30 de agosto de 2015
Aceito em 02 de setembro de 2015.*